

Bancos temem *The Day After* na economia

Paris — A eventualidade de o Brasil, o México, a Argentina ou outro grande país decidir um dia não pagar sua dívida externa provoca calafrios entre os banqueiros ocidentais, a ponto de a televisão francesa ter usado essa eventualidade como exemplo esta semana para ilustrar um cenário de catástrofe financeira mundial que, embora imaginária, tornou-se aterradora.

O noticiário anuncia que, o "México não pagará" e mostra o presidente mexicano fazendo anúncio diante de massas intensamente entusiasmadas. A notícia da surpreendente decisão mexicana se propaga por todas as capitais, desencadeando uma onda de pânico. Desmoronamento nas Bolsas de Nova Iorque, Londres, Paris, Frankfurt, Tóquio, Zurique e outras, enquanto que nos mercados cambiais o dólar se enfraquece aceleradamente.

As imagens da televisão mostram os bancos ocidentais invadidos pelos clientes que querem retirar seus depósitos, que fazem declarações desesperadas aos jornalistas, que gritam "quero meu dinheiro, quero meu dinheiro". Os bancos acabam ficando sem fundos e são obrigados a fechar as portas em meio à indignação e o terror dos clientes aglomerados diante dos estabelecimentos.

As autoridades norte-americanas vacilam ante o golpe assestado pelo México. A televi-

são mostra Reagan pronunciando um discurso confuso. Outros altos dirigentes da economia ocidental tampouco sabem o que fazer.

O presidente Ronald Reagan termina adotando uma decisão ruínosa porém inevitável e anuncia que o Estado norte-americano garantirá todas as dívidas que não forem pagas pelo México. Porém, Reagan, para tranquilizar, afirma que essa crise não é igual à de 1929, e esta alusão acelera ainda mais a onda de pânico geral.

Dois dias depois do anúncio de que o "México não pagará", reúnem-se os ministros das Finanças e governadores de Bancos Centrais dos países mais ricos do mundo e anunciam que decidiram iniciar imediatamente negociações com o governo mexicano "para conceder-lhe uma moratória de três anos sobre o total de suas dívidas. Discussões são iniciadas em seguida, com os outros países devedores". E, por outro lado, "os governos, de forma unânime, decidiram garantir os depósitos em todos os bancos".

Na França, o primeiro-ministro concede uma entrevista à imprensa e assegura que todas as dívidas do sistema bancário serão pagas, porém as pessoas continuam retirando seus depósitos.

Os jornalistas assinalam ao primeiro-ministro que a capacidade do Banco Central da França para fabricar cédula é limitada, e

que se as pessoas continuarem exigindo seu dinheiro aos bancos, seriam necessários quatro anos e meio para poder satisfazer essa demanda.

Na França, são bloqueadas as contas de poupança por três anos, proíbe-se o uso de cheques, congelam-se os preços e salários etc. Em seis meses a produção industrial cai 36 por cento, as falências se sucedem como um vendaval, os desempregados aumentam para seis milhões neste país. Todas as medidas chegam tarde nos países ocidentais, ou são ineficazes.

Este cenário de catástrofe econômica, deliberadamente sombrio, faz parte de uma iniciativa pioneira da televisão francesa: explicar a crise econômica à população, esclarecer as confusões, acabar com os mitos, mostrar a enorme profundidade do abismo em que se poderia cair.

O programa foi um êxito, segundo demonstraram as pesquisas e, sem dúvida, isto aconteceu porque se inovou não somente na seleção dos temas para ilustrar a catástrofe, mas porque foram empregadas imagens realistas e uma linguagem simples.

E, sem dúvida, o programa foi também um êxito graças ao artista Yves Montand, o qual, com a simplicidade, do homem da rua, apresentou os problemas e formulou as dúvidas mais angustiosas que se apresentam no contexto desta crise mundial interminável.